

# Macroeconomia

SETEMBRO DE 2018

## 1. INTRODUÇÃO

Setembro foi um excelente mês para a redução das tensões: os Estados Unidos, México e Canadá chegaram a um acordo para substituir o Nafta, deixando o mercado financeiro feliz com o anúncio.

A economia norte-americana, apesar da excelente forma, pode começar a sentir os efeitos dos aumentos dos juros.

Na Europa, o otimismo também está em baixa, com os dados ruins sobre a economia alemã, que apresenta queda.

A América Latina está em um bom momento, com crescimento e inflação baixa,

com Argentina e Venezuela sendo notáveis exceções.

Com o resultado do primeiro turno nas eleições, pouco muda, uma vez que os dois candidatos que estavam na frente passaram para o segundo turno, então segue mais praticamente um mês na dúvida de como se desenhará o futuro do Brasil.

Outro tópico importante é o crescimento não apenas da agricultura do Brasil, mas também o aumento da demanda por alimentos no mundo, tendo em vista que o mundo deverá ter 9 bilhões de pessoas em 2050.

## 2. PANORAMA INTERNACIONAL

Finalmente foi resolvida a questão do agora falecido NAFTA (North American Free Trade Agreement). Foi feito um novo acordo, chamado de USMCA (USA, México e Canadá). É necessário, então, entender o que mudou e como o Brasil será afetado por isso.

Primeiramente, o novo acordo é benéfico para os EUA, em comparação ao antigo, pois garante entrada de laticínios no Canadá, cria uma cota para empresas com salários acima de US\$16 dólares, que é acima do salário mínimo mexicano e com prazo de 16 anos para acabar, além de renegociações a cada 6 anos. Atinge também a China, pois aumentou a cláusula de produção interna do bloco de 62,5% para 75%.

Para o Brasil, nada deve mudar muito devido ao acordo, visto que ele é bem parecido com o antigo NAFTA; no entanto, Trump criticou o protecionismo brasileiro e o país deve ser um dos próximos a rever suas políticas comerciais para com os EUA.

Foram criados 134.000 novos postos de trabalho em setembro nos EUA, baixando ainda mais a taxa de desemprego no país, ficando em 3,7%.

A taxa de juros americana subiu em setembro, de 2% para 2,25%, dando fim à política expansionista. Isso deve acelerar o aumento de juros no Brasil, posto que em um momento de déficit, o Brasil necessita de capital externo para fechar suas contas.

O final das discussões acerca do Brexit está próximo, pois a data limite termina nas primeiras semanas de novembro. A economia

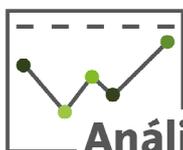
do Reino Unido já está estabilizada após a queda causada pelo Brexit. O grande destaque do mês foi a grande queda na demanda das fábricas alemãs, que vem ocorrendo desde o início do ano, reduzindo a confiança na economia europeia.

Os chineses prometeram retaliar os EUA, após uma nova fase de retaliações do governo americano em relação a produtos chineses. Na imensa lista, há vários produtos agrícolas, como café, cacau e soja, o que pode favorecer o produtor brasileiro.

A rúpia indiana não para de cair em 2018: a moeda atingiu seu nível mínimo, com desvalorização de 15% em relação ao dólar, mas nem assim as taxas de juros devem subir, o que deve manter essa tendência de queda. Isso prejudica os produtores nacionais que concorram com produtos indianos, como os de mamona.

O Japão passa por um momento delicado, pois tem uma das maiores dívidas do mundo em um país que não cresce. Assim, o premiê japonês anunciou que o país deverá aumentar impostos de um lado e reduzir impostos em consumo de bens duráveis, uma tentativa de arrecadar sem reduzir ainda mais a atividade econômica.

O Chile está com problemas para segurar a inflação, e então deverá aumentar os juros em breve para se ajustar à mudança de juros no mercado global e para tentar reduzir a inflação.



# Macroeconomia

SETEMBRO DE 2018

Outro país que deve ter um aumento de juros é o México, pois a inflação voltou a subir e está acima do teto da meta inflacionária, além do aumento de juros do FED.

Enquanto a maioria das commodities caem, o complexo de energia vê o movimento contrário, com os preços de petróleo Brent acima de US\$80 por barril pela primeira vez desde o final de 2014.

### 3. BRASIL

Segundo o Boletim Focus do dia 5 de outubro, o crescimento do PIB deve ficar em 1,34%, reduzindo-se mais uma vez. A atividade industrial teve sua previsão revista para baixo novamente, sendo o principal fator para essa redução.

O IBC-Br, que funciona como uma prévia do PIB, subiu 0,57% em julho em comparação a junho, na série com ajuste sazonal. Isso coloca o índice em um recorde histórico desde o início da série, em 2015.

Ainda segundo esse relatório, a inflação esperada para 2018 subiu, sendo prevista em 4,4%, ficando um pouco abaixo do centro da meta, que é 4,5%, o que pode forçar um aumento nos juros caso queiram a inflação dentro do limite inferior (3%-4,5%) da meta de inflação.

O Banco Central manteve as taxas de juros em 6,5% ao ano após a última reunião do Copom, mas com sinalização de que pode subir 0,25% na próxima reunião, devido ao aumento nos juros americanos. Isso gera um aumento no valor de empréstimos, créditos e outros investimentos, além de causar um maior incentivo para que não se mantenha estoques.

A Intenção de Consumo das Famílias, na pesquisa da Confederação Nacional do Comércio (CNC), subiu 1,5% em setembro, na comparação mensal. Frente ao mesmo período do ano passado, o cenário é de melhoria de 13,2%.

O desemprego de junho ficou em 12,3%, número que representa 12,9 milhões de desempregados, cabe observar que esse montante é um pouco menor o em relação ao mês passado. Enquanto isso, o número de trabalhadores informais se manteve estável e o número de pessoas que desistiu de procurar emprego aumentou em 98 mil nesse trimestre, ratificando as informações do boletim passado.

Já os preços agrícolas, assim como os de metais, sofrem com a briga entre EUA e China, e estão em queda: primeiro, pois a indústria compra menos; outro ponto é que há um consenso de que o primeiro semestre da economia americana foi muito acima do esperado e que arrefecerá em breve, o que já afeta o planejamento de produção para curto e médio prazo.

O preço das commodities, segundo o IC-Br, calculado pelo Banco Central, subiu 6% na comparação com agosto, puxado, principalmente, por energia e produtos agropecuários.

A balança comercial brasileira teve o pior agosto dos últimos três anos, com superávit de US\$4,9 bilhões, puxado pelo aumento nas exportações, principalmente de produtos básicos, principalmente o petróleo.

O dólar iniciou setembro cotado a R\$ 4,06 e fechou outubro em R\$ 4,03, mantendo-se estável no mês. Com as poucas mudanças no cenário político durante o mês, que é, no momento, o principal causador de flutuações nos humores do mercado.

Segundo levantamentos estatísticos, o mundo terá 9 bilhões de habitantes em 2050. Como então, produzir comida o bastante para todas elas? A indústria agroalimentar é a maior do mundo, utilizando 36% da área e 69% da água doce, mas ainda há um grande desperdício de alimentos, na ordem de 33%. Essa então é a grande dúvida: como produzir mais, com menos recursos e como reduzir as perdas.

O Brasil tem um papel importante nesse novo cenário, pois conseguiu a sua própria revolução nas últimas décadas, fazendo com que sua produtividade crescesse mais que o dobro que na Europa e ainda de ser um dos maiores produtores de alimento do mundo. No evento Thought for Food, ocorrido no Rio de Janeiro, algumas start-ups tiveram a oportunidade de mostrar algumas ideias de como solucionar esse difícil equação.

O Brasil, como importante produtor mundial de alimentos, deve ficar muito atento a esses movimentos para não ficar atrás em um momento em que grandes mudanças podem acontecer, considerando que a agricultura é de grande importância para a economia nacional.